



NARRATIVAS CRÍTICAS: CORPOS E SEXUALIDADES DEF EM UMA PRODUÇÃO AUDIOVISUAL BRASILEIRA

***CRITICAL NARRATIVES: DEF BODIES AND SEXUALITIES
IN A BRAZILIAN AUDIOVISUAL PRODUCTION***

***NARRATIVAS CRÍTICAS: CUERPOS Y SEXUALIDADES DEF
EN UNA PRODUCCIÓN AUDIOVISUAL BRASILEÑA***

**Louise Lima Storni Rocha
Giovanna Marafon**

Louise Lima Storni Rocha

Doutoranda no Programa de Políticas Públicas e Formação Humana da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Mestre em Políticas Públicas em Direitos Humanos pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

Email: lustorni@gmail.com

Giovanna Marafon

Doutora em Psicologia. Pós-doutorado CAPES/PrInt no Gender and Sexualities Program da University of San Francisco/2024. Professora da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF) e do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana (PPFH), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

E-mail: giovannamarafon@gmail.com

Resumo

Este artigo explora a interseção entre sexualidade e deficiência no audiovisual, com foco no documentário brasileiro *Assexybilidade* (2023). Fundamentado na teoria *crip/aleijada*, a escrita-ensaio questiona o capacitismo estrutural e ressalta como a arte pode colocar em curso narrativas críticas, criando novas percepções sobre sexualidades, direito ao prazer e acessibilidade para corpos DEF. Destaca-se a importância de aleijar teorias e práticas artísticas como uma contribuição para a promoção e defesa de direitos.

Palavras-chave: cinema, aleijar, deficiência, sexualidade, capacitismo.

Abstract

This study explores the intersection between sexuality and disability in audiovisual media, focusing on the Brazilian documentary *Assexybilidade* (2023). Based on *crip* theory, this study questions structural ableism and highlights how art can implement critical narratives, creating new perceptions about sexualities, the right to pleasure, and accessibility for DEF bodies. This study highlights the importance of crippling artistic theories and practices as a contribution to the promotion and defense of rights.

Keywords: cinema, *crip*, disability, sexuality, ableism.

Resumen

Este artículo explora la intersección entre sexualidad y discapacidad en los medios audiovisuales y se centra en el documental brasileño *Assexybilidad* (2023). Basado en la teoría *crip/tullida*, este ensayo cuestiona el capacitismo estructural y destaca cómo el arte puede implementar narrativas críticas, creando nuevas percepciones sobre las sexualidades, el derecho al placer y la accesibilidad para los cuerpos DEF. Se destaca la importancia de tullir las teorías y prácticas artísticas como contribución a la promoción y defensa de derechos.

Palabras clave: cine, tullido, discapacidad, sexualidad, capacitismo.

Introdução

As narrativas artísticas que abordam deficiência, dissidências e ativismos revelam um notável potencial da arte em desafiar paradigmas e construir novas percepções sobre sexualidade, direito ao prazer e acessibilidade de, com e para pessoas com deficiência. Mais do que expandir as possibilidades de enxergar novas formas de vivência da sexualidade, essas narrativas fomentam reflexões críticas, novas percepções e coalizões políticas entre corpos dissidentes das normas, fortalecendo a luta por uma realidade anticapacitista e socialmente mais justa.

O interesse pela temática do ativismo, sexualidade e deficiência nasceu durante a realização de pesquisa anterior, em âmbito de mestrado, com dissertação defendida em 2020¹. Na pesquisa foi realizado um estudo de caso sobre o grupo responsável pelo documentário *Yes, we fuck!*, sediado em Barcelona (Espanha). O documentário e os ativismos relacionados a essa produção tiveram um impacto significativo na percepção sobre deficiência e sexualidade, evidenciando um espaço frutífero para observar como, por meio da arte, certos ativismos contemporâneos promovem um debate instigante sobre sexualidade, deficiência e dissidências.

Durante a pesquisa de mestrado, foi possível aferir que grande parte do êxito do documentário *Yes, we fuck!* se deu por conseguir reunir ativistas envolvidos em diferentes pautas sobre o debate da sexualidade e dissidências na Espanha. Ativistas com deficiência de Barcelona se aproximaram de ativistas transfeministas (especialmente pessoas transmasculinas) e identificaram várias áreas de interseção em suas causas, como a crítica à normatividade corporal, a importância da interseccionalidade, a resistência às estruturas opressivas e a oposição ao modelo neoliberal.

Ao perceber o Brasil de 2024, no contexto da pesquisa de doutorado em andamento², tornou-se evidente que existe um frescor nas produções artísticas brasileiras dos últimos anos na proposição de um encontro estético que

1. Cf.: Rocha (2020).

2. Pesquisa em andamento no Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana (PPFH) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), sob orientação da professora Giovanna Marafon, com bolsa Capes.

Narrativas críticas

ajude a construir ferramentas políticas e novas subjetividades referentes a corpos com deficiência. São produtoras, diretoras, ativistas, atrizes e atores com deficiência que se propõem a colocar luz sobre seus corpos aleijados e suas experiências eróticas, apresentadas de modo completo, sem qualquer perspectiva de falta ou déficit.

Assim, as perspectivas que permeiam esta escrita-ensaio são atravessadas pela teoria *crip*, desenvolvida por autoras como Alison Kafer (2013) e Robert McRuer (2024). O termo foi traduzido no Brasil pelo sociólogo Marco Gavério (2015) juntamente à antropóloga Anahí Guedes de Mello (2014). A teoria “aleijada”, conecta os estudos da deficiência aos estudos *queer*, argumentando que, assim como a heteronormatividade e a lógica binária, o capacitismo estrutura a sociedade em torno de um ideal de capacidade física e mental que marginaliza aqueles que não se encaixam nesse padrão. Sob essa ótica, a teoria aleijada valoriza as diferenças e subverte as expectativas normativas, questionando o impulso de “curar” ou “normalizar” corpos com deficiência. No Brasil, essa perspectiva tem ganhado destaque, encontrando eco nos debates acadêmicos relacionados aos estudos críticos da deficiência, bem como nos campos culturais e artísticos.

É importante também destacar que a adoção do termo “capacitismo” no Brasil é relativamente recente. Traduzido do inglês *ableism*, o conceito foi introduzido no país pela antropóloga Anahí Guedes de Mello no contexto da II Conferência Nacional LGBT em dezembro de 2011, durante sua atuação como ativista e segundo ela, “o capacitismo só surge documentado no Brasil por causa da aliança com a população LGBT” (Lapponi, 2023, p. 320).

Nesse cenário, o documentário brasileiro *Assexybilidade*, lançado em 2023, merece destaque e é abordado neste ensaio. A obra apresenta narrativas instigantes que provocam reflexões consistentes sobre a sexualidade de corpos dissidentes, contribuindo para ampliar a compreensão e sensibilidades em torno da deficiência por meio de produções audiovisuais.

***Assexybilidade*: narrativas de sexualidade e resistências**

Partimos do desejo de escrever em relação ao presente, imersas nele e, ao mesmo tempo, observando-o com algum distanciamento. Esse olhar

coloca o pensamento em movimento, especialmente em um momento crítico e de mutação, impulsionado pelas narrativas de *Assexybilidade*. Daí emergiu a intenção de fazer este texto-ensaio, considerando que “o ensaio é, também, olhar a existência a partir dos possíveis, ensaiar novas possibilidades de vida” (Larrosa, 2004, p. 37). Essa chave persegue a inspiração do filósofo literário Michel Foucault, que propôs o ensaio como um problema de pensamento e de escrita, justamente no prefácio de sua *História da Sexualidade II – O uso dos prazeres*.

O documentário *Assexybilidade* é dirigido por Daniel Gonçalves, pessoa com uma deficiência não diagnosticada, que afeta a coordenação motora de seu corpo e produz especificidades de fala. Foi produzido pela TV Zero com coprodução da Globo Filmes e apresenta elementos frequentes na construção de um documentário, como entrevistas e narração em *off*.

O filme tem 86 minutos e foi exibido pela primeira vez em 2023, no Festival de Cinema do Rio, onde conquistou o prêmio de Melhor Direção de Documentário, apontando para o reconhecimento dessa produção e para o momento em que a presença DEF é protagonista no audiovisual. Em setembro de 2024, teve seu lançamento oficial, sendo exibido em várias cidades brasileiras³. O filme ficou em cartaz por cerca de três semanas, alcançando um público de 970 espectadores⁴. Além disso, o documentário foi premiado com o Grande Prêmio do Júri de Melhor Longa-Metragem Documentário no NewFest 2023, festival de cinema LGBTQI+ realizado em Nova York.

O filme traz 14 personagens que se expõem diante das câmeras, compartilhando suas experiências eróticas, percepções de mundo, relações e batalhas cotidianas contra o capacitismo. As entrevistas são intercaladas com cenas de performances de dança, autofilmagens do diretor, leitura de poemas e imagens que sugerem atos sexuais, com um filtro sobreposto que se coloca entre a imagem e o espectador, como em um teatro de sombras. Se, por um lado, não vemos tudo, o que desperta curiosidade, por outro, é justamente no que se entrevê sem tudo ver que surge um convite a imaginar.

3. As cidades brasileiras que exibiram o filme no cinema foram: Aracaju (SE); Brasília (DF); Campinas (SP); Fortaleza (CE); Manaus (AM); Poços de Caldas (MG); Porto Alegre (RS); Recife (PE); Rio de Janeiro (RJ); Salvador (BA); São Paulo (SP); Vitória (ES).

4. Disponível em: <https://www.gov.br/ancine/pt-br/oca/Paineis%20Interativos/painel-indicadores>, Acesso em: 25 dez. 2024.

Narrativas críticas

Para esta escrita e análise, selecionamos trechos do filme que, em nossa percepção, articulam discursos e sensibilidades sobre deficiência, sexualidade e anticapacitismo, além de sintetizar a narrativa central do documentário. O poema “Saudação aos antepassados DEF”, que permeia toda a narração, será o fio que entrelaça a abordagem, pois sintetiza as provocações presentes nos depoimentos e na estética explorada pelo diretor. As cenas atravessadas pela narração do poema são corporificadas pelas performances de dança de Jessica Teixeira, Edu O. e Estela Lapponi.

Nas “conversas com Foucault e Coutinho”, propostas no artigo de Teresa Gonçalves e Thiago Ranniery (2022), atravessou-nos a ideia de montagem do texto como quem pensa a montagem fílmica. O poema que percorre o filme-documentário foi também o fio que, ao escrever, permeia este ensaio.

O poema de Estela Lapponi (2023), com narração da própria no filme, oferece uma profunda reflexão sobre a história e a resistência das pessoas com deficiência, que, ao longo dos séculos, foram marginalizadas, desumanizadas e frequentemente esquecidas. Ela homenageia os “antepassados não genéticos”, ou seja, aqueles que, por uma condição social que os marcou como diferentes e indesejáveis, compartilham experiências de opressão, exclusão e violência, não necessariamente ligadas por laços sanguíneos.

O reconhecimento dessa ancestralidade DEF implica reconhecer pessoas cujas existências foram constantemente negadas, desde as que foram “largadas à sorte” até as que tiveram seus corpos utilizados como objetos de pesquisa, sendo desumanizadas em nome de uma ciência e, frequentemente, encarcerados em instituições.

Outro ponto forte do poema está na crítica ao apagamento dessas histórias, não apenas pela sociedade em geral, mas também pelos movimentos sociais que, muitas vezes, esquecem de incluir a luta das pessoas com deficiência em suas agendas. Essa omissão é ainda mais cruel porque aqueles que “são alvo de ódio”, “ridicularizados” e vistos como “sinônimo de vergonha”, continuam, até hoje, relegados às margens, tanto literal quanto simbolicamente. A imagem de corpos que “são diariamente desviados nas ruas” reforça a ideia de uma sociedade que prefere ignorar o que não se encaixa nos moldes da normatividade e aponta para o aspecto *crip/aleijado* desses corpos.

O filme parece um convite a nos aproximarmos de vidas que a história política da relação com a deficiência nos apartou de conhecer e celebrar a diversidade humana. Ideia que está em sintonia com o depoimento de uma das entrevistadas no documentário, a “PCD Perigosa”, pseudônimo utilizado por Amanda Soares nas redes sociais. Escritora e pessoa com deficiência física, Amanda é uma jovem baiana que, por meio de seu perfil no Instagram, compartilha com seus mais de 47 mil seguidores comentários ácidos e irreverentes, além de usar o erótico como um poder de existir, manifestado a partir de seu corpo, da convivência satisfatória com outras pessoas e da recusa em exigir de si o impossível incapacitante. Trata-se de se permitir sentir-se plenamente no ato de fazer. Esses aspectos ressaltam a potência transformadora dos usos do erótico, como escreveu Audre Lorde (1984).

Amanda reflete sobre como a inacessibilidade e o capacitismo a impactaram profundamente. Ela comenta que abraçou poucas pessoas com deficiência ao longo de sua vida, e isso teve um peso significativo em sua trajetória. Seu relato nos provoca a olhar para nossas próprias experiências: quantas pessoas com deficiência compõem nossas relações cotidianas? Como o capacitismo estrutura também os nossos afetos, vínculos e distâncias?

A jovem também aponta que as discussões sobre independência e autonomia realizadas pelo feminismo tradicional não contemplam as experiências de mulheres com deficiência, questionando se há espaço no feminismo para mulheres que, devido às suas limitações corporais, não podem alcançar independência nos mesmos termos das mulheres sem deficiência. Isso resulta em uma sensação de solidão e de inadequação, em que ela se sente “menos mulher” por não se enquadrar nos padrões de autonomia promovidos pelo feminismo dominante. Pergunta, então, se há espaço dentro do movimento de mulheres para um feminismo DEF.

Outro ponto importante que a “PCD Perigosa” aborda é a complexidade do opressor. Diferentemente de outros movimentos sociais que identificam claramente seus opressores, como o feminismo que aponta o patriarcado, ou o movimento negro que identifica o racismo, ela não consegue nomear um único opressor. Para ela, o capacitismo é uma forma de opressão difusa, presente em todas as pessoas sem deficiência, independentemente de raça, gênero ou orientação sexual.

Narrativas críticas

Esse capacitismo difuso se reflete logo nos primeiros minutos do filme, quando vemos a cena do jornalista Cassiano Fernandez (o Cacá), que possui paralisia cerebral, tentando abrir um pacote de camisinhas. As cenas com Cacá são disruptivas na narrativa, parecem um “jogo de cena” e se destacam tanto pela duração, que se prolonga em relação a outras cenas, quanto pela ironia e espontaneidade dos acontecimentos capturados pela câmera, sem que tenham sido iniciados por perguntas estruturadas para as entrevistas.

À medida que várias sequências do filme se desenrolam, a cena com Cacá ainda tentando abrir o pacote de camisinha se repete. Essa repetição em diferentes momentos, em que Cacá diz que insiste em abri-lo – seja com as mãos, com os dentes, e tentando controlar a salivação – parece transportar o público para outra dimensão temporal.

Apesar do humor leve de Cacá, o desconforto que o diretor gera na(o) espectadora(or), ao repetir a cena em vários momentos do filme, faz emergirem as barreiras de acessibilidade. A cena expõe as dificuldades enfrentadas por pessoas com deficiência em situações cotidianas e em experiências eróticas, como abrir um pacote de camisinha, acessar locais de encontro, entrar em motéis, ou até mesmo tirar a roupa, deitar-se na cama e tocar o próprio corpo.

O contraste entre a leveza de Cacá e a seriedade do tema enfatiza o impacto da inacessibilidade nas experiências eróticas de pessoas com deficiência, especialmente aquelas que dependem de assistência para tarefas cotidianas. Essas dificuldades, tanto materiais quanto emocionais, são muitas vezes invisíveis para a sociedade, mas têm um efeito profundo na vivência erótica das pessoas DEF. O filme, portanto, convida o público a refletir sobre essas barreiras, amplificando as vozes das pessoas com deficiência para que sejam ouvidas de maneira mais ampla, ao abordar um tema pouco discutido nesse contexto: a sexualidade.

Os depoimentos apresentados no documentário revelam como o passado social sombrio, em que corpos com deficiência eram vistos como “objetos”, ainda reverbera nas subjetividades contemporâneas. Esse passado, embora hoje menos marcado por ações brutais, persiste por meio do capacitismo, que se manifesta tanto nas relações interpessoais quanto na forma internalizada nas experiências de vida. Como já destacado, o capacitismo é uma forma de opressão que desvaloriza a diversidade e marginaliza pessoas com deficiência.

Ao evocar essa memória, os depoimentos não apenas reconhecem essas injustiças, como também colocam a luta das pessoas com deficiência como uma extensão dessa resistência ancestral. A repetição da palavra “direito” na segunda parte do poema intensifica o apelo por reconhecimento e justiça. Esses direitos, especialmente o direito ao prazer e à intimidade, apresentados no filme, são sistematicamente negados a corpos percebidos como “impossíveis” ou “intrusos”.

Estela, a narradora, enfatiza a necessidade de “rasgar fronteiras”, “reverter significados” e “desestabilizar o corpo” como formas de reivindicar espaço e existência para as pessoas com deficiência, questionando as noções de corponormatividade compulsória que sustentam a sociedade. Nesse contexto, o corpo DEF, um corpo aleijado, torna-se um instrumento de subversão, uma “Torre de Babel” que confunde e desconstrói as narrativas hegemônicas, afirmando-se como algo possível, vivo e ativo. É nesse contexto que entendemos que o filme *Assexybilidade* se insere, propondo uma estética que incorpora esses mesmos princípios de resistência e transformação.

A cena final é marcada por diferentes pessoas protagonistas das cenas do filme, com suas(seus) parceiras(os), pessoas com e sem deficiência, que se beijam intensamente sob a narração final do poema/manifesto. Trata-se de uma convocação da presença dos corpos com deficiência no “aqui e agora”, indicando que o futuro DEF não é um ideal distante, mas sim uma realidade que já está em construção. O futuro como espaço de reivindicação sugere que a luta contra o capacitismo não é apenas uma questão do passado ou do presente, mas também uma batalha contínua que definirá o porvir.

Essa convocação final se alinha à luta por direitos e acessibilidade, especialmente a acessibilidade cultural, dada a importância de que os espaços culturais ofereçam tanto acessibilidade física quanto o uso de tecnologias assistivas para o corpo cênico e para a plateia. Isso não só amplia o acesso de pessoas com deficiência como público espectador, mas também cria oportunidades para a formação e empregabilidade de profissionais com deficiência no campo audiovisual e nas artes.

Um exemplo de como o filme *Assexybilidade* configura um manifesto é sua campanha de impacto, por meio da qual é exibido em diferentes espaços

Narrativas críticas

ativistas e acadêmicos, sempre acompanhado de debates com a presença do diretor. Além disso, em julho de 2024, uma exposição foi realizada no Centro Cultural Hélio Oiticica, no Rio de Janeiro, e em outubro na cidade de Petrópolis (RJ), no Centro Cultural Piccola Arena, mostrando os bastidores e personagens que participaram, mas não apareceram na versão final do filme.

Outra situação interessante ocorreu durante a exibição e premiação do filme no Cinema Odeon, no Centro do Rio de Janeiro, em 2023. Na ocasião, o diretor Daniel Gonçalves aproveitou o momento para chamar a atenção de produtores e empresários sobre a urgente necessidade de acessibilidade nos espaços culturais. O cinema, que tinha espaço para apenas cinco cadeirantes, teve a presença de outras dez pessoas cadeirantes, evidenciando a falta de infraestrutura e promovendo o “aleijamento” das estruturas. Além disso, as escadas que davam acesso ao palco impediram que alguns convidados com deficiência física participassem, forçando o debate a acontecer na parte inferior do palco. Esse desconforto e a desestabilização impactaram a produção do festival e chamaram a atenção da imprensa nacional, o que evidencia o propósito do filme: revelar, com humor, acidez e crítica, as opressões diárias vividas por corpos que fogem às normas hegemônicas. Para além de denunciá-las, o filme também propõe caminhos para que esses corpos – em diálogo com todos os outros – possam ocupar os espaços de maneira plena e legítima.

Essas situações exemplificam que a arte não apenas representa, mas também cria afetos e subjetividades, desafiando normas estabelecidas e gerando novas formas de resistência política.

Reflexões finais: caminhos abertos

Embora a sexualidade seja o foco central do filme, sua narrativa se expande para abordar uma gama mais ampla de questões, revelando como classe social, território, raça, gênero e orientação sexual se cruzam e interseccionam nas vidas das personagens. Pessoas DEF de diferentes classes sociais e idades, negras ou brancas, moradoras de territórios distintos, com diferentes orientações sexuais e identidades de gênero, atravessam as experiências apresentadas, ampliando as camadas de discussão e enriquecendo a sensibilidade em torno do tema.

Essa abordagem está alinhada com o pensamento da socióloga Patricia Hill Collins (2019), quando argumenta que as opressões relacionadas a raça, classe, gênero, deficiência e outras categorias sociais não podem ser analisadas de maneira isolada, mas sim em suas interconexões. Assim, a epistemologia interseccional deve reconhecer a pluralidade de vozes e experiências na produção de conhecimento, com o objetivo de promover a justiça social.

Ao expor corpos e narrativas eróticas, o documentário utiliza a intimidade e o humor para estabelecer uma conexão com o público em geral. Ao focar as experiências de pessoas DEF e suas sexualidades plurais e polimorfas, o filme contribui para dismantelar preconceitos, como a suposta ausência de sexualidade na vida das pessoas com deficiência ou a associação dessa experiência com perigo e infantilização. Revela também que as “dores e delícias” da vivência erótica são comuns a todas as pessoas, independentemente da presença ou não da deficiência em seus corpos, embora evidencie que esses caminhos são atravessados por obstáculos ainda mais severos quando se trata de corpos com deficiência.

Consideramos que a novidade dessa obra no cinema brasileiro reside no fato de que, além de ser dirigida por uma pessoa com deficiência, aborda uma temática pouco explorada em documentários nacionais: a interseção entre sexualidade e deficiência. Suas campanhas com foco no ativismo também são de grande relevância e inovação. Daniel Gonçalves tem apresentado o filme para audiências seguidas de debate com ele e pessoas convidadas, geralmente com deficiência e pesquisadoras/ativistas do campo DEF. Depois de uma dessas apresentações, na UERJ, em conversa com participantes, Daniel contou que esteve em Los Angeles (Estados Unidos), em um evento para cineastas que trabalham com documentário, e fez ecoar as palavras e os modos de fazer do mestre Eduardo Coutinho, destacando a riqueza da produção brasileira e latino-americana – que, muitas vezes, ainda permanece pouco conhecida naquele contexto.

Nessa perspectiva, corroboram as antropólogas Nádia Meinerz e Pamela Block (2023) que, no âmbito do projeto “Retrato Defiças: arte e ativismo deficienciados”, propõem um olhar que ultrapassa a ideia de tratar a deficiência apenas como objeto de estudo ou categoria de análise, mas sim como uma “ontologia combativa” (Meinerz; Block, 2023, p. 13).

Narrativas críticas

Em outras palavras, as autoras entendem a deficiência como um meio combativo por meio do qual são questionadas as convenções éticas e estéticas, convocando a participação ativa das pessoas com deficiência na produção das imagens e narrativas que as representam, sendo feitas por elas, com elas, sobre elas e a partir de suas próprias corporeidades e pensamentos. O próprio termo DEF, nesse sentido, é parte de uma ontologia criada e nomeada para combater os essencialismos de exclusão das ontologias preexistentes. É preciso nomear-se nos movimentos, agir e criar, tanto no audiovisual quanto na escrita.

Ainda, percebemos que a linguagem cinematográfica adotada no *Assexybilidade* segue um formato convencional, centrando-se majoritariamente nos depoimentos de pessoas com deficiência, enquanto a representação visual dos movimentos de seus corpos fica ainda limitada a alguns trechos de dança e poesias roteirizadas. Considerando a temática da sexualidade, o filme poderia ter explorado enquadramentos mais explícitos dos corpos com deficiência, semelhante à estética pós-pornô empregada no documentário espanhol *Yes, We Fuck!*. Isso leva a um questionamento: como seria o impacto do filme se adotasse uma abordagem cinematográfica mais experimental?

Reconhecemos, contudo, que essas limitações no conteúdo erótico podem ter sido influenciadas em favor de maior alcance da obra em um contexto ainda profundamente marcado pelo capacitismo. Um exemplo expressivo dessa realidade foi a exclusão da obra da programação da 1ª Mostra de Artes Inclusivas, realizada em agosto de 2024, em atendimento a uma solicitação do Governo do Estado de Santa Catarina, então sob a gestão de um governador do Partido Liberal (PL) que, em geral, adota uma orientação política mais conservadora e alinhada à extrema-direita.

Diante desse cenário, marcado por restrições e censuras veladas ou não, destacamos a necessidade de romper com visões conservadoras e práticas de silenciamento, desejando que tais obstáculos não desestimulem o diretor (e outras/outros artistas) de, no futuro, ousar ainda mais – com representações mais explícitas e eróticas dos corpos com deficiência.

Esse contexto também levanta uma importante questão: como expandir o debate sobre deficiência, ultrapassando um público restrito e alcançando espaços mais amplos de alianças e colaborações? Torna-se essencial, portanto, propor novas formas de aleijar linguagens e práticas, abrindo caminhos

para novas dimensões éticas, estéticas e políticas, especialmente no campo audiovisual e nas artes.

Para encerrar, citamos o poema que guiou a análise, o fio condutor com o qual tecemos as escritas e as reflexões apresentadas no filme.

SAUDAÇÃO AOS ANTEPASSADOS DEF

De Estela Lapponi

Saúdo a todos os meus antepassados não genéticos,
que foram largados à sorte
Que foram sacrificados
Que foram amaldiçoados por um Deus inexistente
Que foram enaltecidos em algum momento pífilo em alguma cultura antiga
Que foram enfiados em porões
Que foram apagados
Que se tornaram inexistentes
Que tiveram seus corpos/seres usados para testes por pesquisas malé-
ficas que se diziam científicas
Que foram sumariamente aniquilados
Que tiveram suas existências desumanizadas
Que foram desincorporados
Que foram transformados em objeto
Coisificados
Que foram trancafiados
Institucionalizados
Isolados
Proibidos
Que são, ATÉ HOJE, esquecidos até mesmo por aqueles que se dizem
marcados em sociedade.
Que são constantemente alvo de ódio
Que são ridicularizados
Que são SINÔNIMO DE VERGONHA
Que são diariamente julgados por serem o que são
Que são diariamente desviados nas ruas
Que são exemplo daquilo que não se pode ser
Que são a mira de projetos políticos de destituição do direito à existência
Do direito de ir e vir
Do direito à fala
Do direito à autonomia
Do direito ao conhecimento
Do direito ao trabalho
Do direito à convivência
Do direito à criação
Do direito!!!!

Narrativas críticas

Minha mais absoluta gratidão a todos esses antepassados que foram de uma forma e de outra sacrificados.

Peço licença para continuar a luta de afirmar e confirmar a existência de nossos corpos que insistem em nomear como impossíveis (Lapponi, 2023, p. 1759).

Bibliografia

- ASSEXYBILIDADE. Direção: Daniel Gonçalves. Brasil: TV Zero, 2023. 86min.
- COLLINS, Patricia H. **Bem mais que ideias**: a interseccionalidade como teoria social crítica. São Paulo: Boitempo, 2019.
- GAVÉRIO, Marco A. Medo de um planeta aleijado? Notas para possíveis aleijamentos da sexualidade. **Áskesis**, São Carlos, v. 4, n. 1, p. 103-117, 2015.
- GONÇALVES, Teresa; Thiago Ranniery. Conversas com Foucault e Coutinho: ensaiar modos de vida impuros com a escrita na universidade. **Dois Pontos**, Curitiba, v. 19, n. 3, p. 108-127, 2022. DOI: 10.5380/dp.v%vi%i.86603.
- KAFER, Alison. **Feminist, Queer, Crip**. Bloomington: Indiana University Press, 2013.
- LAPPONI, Estela. **Corpo Intruso: uma investigação cênica, visual e conceitual**. São Paulo: Casa de Zuleika, 2023. *E-book*.
- LARROSA, Jorge. A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 29, n. 1, p. 27-43, 2004.
- LORDE, Audre. Os usos do erótico – o erótico como poder. Tradução de Tatiana Nascimento dos Santos. *In*: LORDE, Audre. **Sister outsider: essays and speeches**. New York: The Crossing Press Feminist Series, 1984. p. 53-59.
- MCRUER, Robert. **Teoria Crip Signos culturais entre o queer e a deficiência**. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2024.
- MEINERZ, Nádia; BLOCK, Pamela. Retratos defeiços: Arte e ativismo deficienciados. **Mundaú**, Maceió, n. 13, p. 12-25, 2023.
- MELLO, Anahi G. Gênero, deficiência, capacitismo e cuidado: uma análise antropológica de experiências, narrativas e observações sobre violências contra mulheres com deficiência. 2014. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.
- ROCHA, Louise Lima Storni Rocha. **Ativismos e novos discursos sobre sexualidade de pessoas com diversidade funcional**: um olhar sobre as movimentações queer-crip através da experiência Yes, we fuck!. 2020. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos em Políticas Públicas) – Núcleo de Estudos de Políticas Públicas em Direitos Humanos, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.